



Gêneros jornalísticos no jornal impresso *Correio do Estado*¹

Cristina Ramos da Silva RIBEIRO²

Suzana Serviam da SILVA³

RESUMO

Este estudo realizado pelo Grupo de Pesquisa em Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), GPJor – UCDB identifica o perfil textual do Jornal *Correio do Estado* por meio dos gêneros jornalísticos, conforme taxonomia proposta por José Marques de Melo. Foi realizada análise de conteúdo de 748 Unidades de Informação publicadas nas edições do jornal veiculadas no período de 15 a 21 de março de 2015. Constatou-se que os jornalistas que atuam no *Correio do Estado* exercitam quatro dos cinco gêneros jornalísticos descritos pelos estudiosos da linha teórica de Melo. O foco dos profissionais é no jornalismo informativo que ocupou 56,6% do texto pesquisado.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros; Jornalismo; Impresso; Ensino; Mercado.

Introdução

A análise de conteúdo dessa pesquisa engloba referencial teórico das Ciências da Comunicação e Linguagem, a partir da classificação de gêneros jornalísticos propostas por José Marques de Melo que divide o jornalismo brasileiro nos gêneros: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional. Estas cinco divisões englobam 22 formatos textuais, cujas definições serviram de parâmetro para a catalogação dos textos que formam o *corpus*. Os formatos que compõe a taxonomia de Marques de Melo são: nota, notícia, reportagem, entrevista, editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta, dossiê, perfil, enquete, cronologia, indicador, cotação, roteiro, serviço, história de interesse humano e história colorida.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Professora do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) é mestra em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2012), especialista em Teorias e Práticas Contemporâneas do Jornalismo pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e a Região do Pantanal (2006) e graduada em jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em 1997. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), GPJor - UCDB email: cristinamos@globo.com.

³ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Acadêmica voluntária de Iniciação Científica (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) UCDB/CNPq, inserida no Grupo de Pesquisa em Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), GPJor - UCDB, email: suzana_js@hotmail.com



A amostra de análise foi composta por sete edições do jornal impresso Correio do Estado publicadas de 15 a 21 de março de 2015, compreendendo as edições de 19.460 a 19.466 do ANO 62 do veículo de comunicação. Cada jornal foi catalogado, edição por edição, tomando como unidade de medida a Unidade de Informação (UI) proposta por Violete Morin (1974). Ao todo, 738 Unidades de Informação (UI) foram catalogadas.

Assim como Costa (2010), nesta pesquisa adota-se o conceito de gênero jornalístico, como possuidor de uma parte estável (os parâmetros) que aponta ao agente em interação social (da produção e da recepção) os propósitos comunicativos e os formatos textuais por eles suscitados. O autor, baseado em Bakhtin (1997), em Marques de Melo (2003) e em Bonini (2002; 2002b; 2003b; 2006) identifica gênero jornalístico como:

[...] um conjunto de parâmetros textuais selecionados em função de uma situação de interação e de expectativa dos agentes do fazer jornalístico, estruturado por um ou mais propósitos comunicativos que resulta em unidades textuais autônomas, relativamente estáveis, identificáveis no todo do processo social de transmissão de informações por meio de uma mídia/ suporte (COSTA, 2010, p. 47).

Percebe-se que os critérios fundamentais de análise do gênero jornalístico são função e aspectos formais, o que significa que a noção de gênero jornalístico está permeada pelo mesmo paradigma que reina na comunicação: o funcionalismo .

Conforme Marques de Melo (2003), a identificação dos gêneros jornalísticos teve e tem origem na própria práxis. “Desde o início das atividades permanentes de informação sobre a atualidade (processo livre, contínuo, regular), colocou-se a distinção entre as modalidades de relato dos acontecimentos” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 42). Conforme o autor, os jornalistas estabelecem padrões para discernir a natureza da sua prática profissional. Dessa forma surgiu a primeira classificação de gêneros jornalísticos, no início do século XVIII, com a separação entre news e comments realizada pelo editor inglês Samuel Buckeley no jornal impresso Daily Courant. No final do século XVIII o jornalismo passou por forte momento de industrialização o que influenciou a atividade, gerando as noções de pirâmide invertida e lead. Um cenário incentivador ao desenvolvimento dos estudos dos gêneros jornalísticos efetivados na primeira metade do século XX.

Costa (2009) relembra que, no Brasil, os gêneros jornalísticos têm merecido estudos e pesquisas acadêmicas desde a década de 1960, a partir da trilogia *A Imprensa*



Informativa (1969), *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo Opinativo* (1980) publicadas por Luiz Beltrão e seu seguidor, José Marques de Melo, notadamente com o livro *Jornalismo Opinativo*, derivado da tese de livre docência do autor em 1985. A classificação realizada por José Marques de Melo é, segundo Seixas (2009, p. 56), “a grande referência bibliográfica brasileira”. Segundo ela, o autor não só é citado por todos os pesquisadores, como a sua divisão de gêneros jornalísticos “é seguida”.

A razão destes profissionais do jornalismo e pesquisadores utilizarem as expressões que nomeiam os gêneros acontece, segundo Costa (2010 p. 43), “por sua legitimação tanto na academia quanto nas redações”. Considerando esta realidade, torna-se pertinente para analisar o conteúdo textual do jornalismo impresso de Campo Grande a utilização da taxonomia proposta por Marques de Melo (2010). O autor fez uma revisão da classificação contida em sua tese de livre docência e adotou o esquema que corresponde funcionalmente às peculiaridades do jornalismo nos anos 2000. No mapeamento de estudos realizado por Marques de Melo em 1985, a classificação proposta retirava o gênero interpretativo (antes, trabalhado por Beltrão), por na época não ter sido identificada predominância do mesmo na imprensa diária pesquisada. Portanto, naquele momento houve a separação dos gêneros jornalísticos no Brasil, por Marques de Melo, em informativos e opinativos, seguindo os critérios da intencionalidade determinante dos relatos e a natureza estrutural dos relatos observáveis.

Assis (2010) considera importante para a compreensão da classificação proposta por Marques de Melo, além de saber sobre sua perspectiva funcionalista, entender os parâmetros em que estão inseridos os gêneros jornalísticos definidos. Por isso, (ASSIS, 2010, p. 17) cita que os gêneros jornalísticos na visão de seu mestre equivalem a uma das parcelas do universo processual da comunicação, com abrangência das mais amplas às menores unidades:

O campo da comunicação é constituído por conjuntos processuais, entre eles a comunicação massiva, organizada em modalidades significativas, inclusive a comunicação periodística (jornal/revista). Esta é estruturada, por sua vez, em categorias funcionais, como é o caso do jornalismo, cujas unidades de mensagem se agrupam em classes, mais conhecidas como gêneros, extensão que se divide em outras, denominadas formatos, os quais, em relação à primeira, são desdobrados em espécies, chamadas tipos (MARQUES DE MELO, 2009:35 *apud* ASSIS, 2010, p.17).

A imprensa brasileira, espelhada em questões históricas relacionadas ao jornalismo, estaria dividida então nas cinco classes já citadas anteriormente, conforme



Assis (2010). E essas, partidas, novamente em 22 formatos textuais. O autor faz questão de deixar claro que essas categorias apenas sinalizam a principal finalidade dos conteúdos jornalísticos, “uma vez que as fronteiras entre informação, opinião, interpretação, diversão e serviço não são extremamente rígidas, a ponto de que um gênero possa ser considerado puro” (ASSIS, 2010, p. 17). Conforme o autor os gêneros jornalísticos informativo e opinativo, nascidos nos séculos XVII e XIX são hegemônicos, por se configurarem historicamente na base do fazer jornalístico, recebendo complementaridade dos gêneros jornalísticos, interpretativo, utilitário e diversional, característicos do século XX.

Os gêneros jornalísticos brasileiros na taxonomia de José Marques de Melo

Costa (2010) acredita que nos relatos informativos há o desejo de “reproduzir” o real, isto é, a partir da observação de um acontecimento do que se aceita como a realidade empírica, sua apreensão e descrição são feitas pela instituição jornalística com base no desejo da coletividade de “saber o que se passa” (COSTA, 2010, p. 45). O autor explica que no jornalismo informativo, o relato terá sua estrutura dependente dos acontecimentos e a relação estabelecida entre o jornalista e os protagonistas do acontecimento. Com esses critérios, são quatro os formatos do gênero informativo: *nota*, *notícia*, *reportagem* e *entrevista*.

Diferente do jornalismo informativo onde a intenção do relato é reproduzir o real, conforme Marques de Melo (2003), o gênero jornalístico opinativo quer ler o real, isto é, “significa identificar o valor do atual e do novo na conjuntura que nutre e transforma os processos jornalísticos” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 63). Os formatos de texto opinativos contêm então, segundo o autor, a análise da realidade e a sua avaliação possível dentro dos padrões que dão fisionomia à instituição jornalística. Com isso, Marques de Melo deixa claro o núcleo de interesse sobre os textos opinativos, “saber o que se pensa sobre o que passa”, divergente do interesse devotado ao gênero informativo, que seria “saber o que se passa”.

Rodrigues de Souza & Rego (2010) explicam que a opinião “destaca-se no texto jornalístico como um gênero consolidado, já que é invariavelmente, claro, e portanto, facilmente identificável”. No entanto, as autoras afirmam que na atualidade esses textos sofrem um processo evolutivo, sobretudo, devido ao novo jornalismo praticado nos suportes on-line, “como no jornalismo denominado *open source journalism* ou *citizen journalism*, no qual opinião e informação se fundem nos textos dos cidadãos jornalistas”



(RODRIGUES DE SOUZA & REGO, 2010, p. 95), matérias essas que após publicadas são acrescidas de comentários postados e agregados. As autoras destacam ainda as afirmações recorrentes de que todo discurso jornalístico, é por natureza, um discurso opinativo, mas não necessariamente um gênero de opinião. Apesar dessas discussões o pesquisador Costa (2010) é categórico:

[...] ainda que o processo de interpretação da realidade resulte em critérios, mesmo que subjetivos de seleção do que será notícia e encerre a opinião do selecionador (jornalista, editor, entre outras funções jornalísticas), no jornal, em se tratando de textos jornalísticos, os gêneros habitualmente relacionados à categoria opinativa são claramente identificáveis e se encontram legitimados. (COSTA, 2010, p. 56)

Sendo assim, Marques de Melo, identifica oito formatos opinativos de textos jornalísticos: *editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta*. Conforme o autor seriam quatro núcleos emissores utilizados pela instituição para as mensagens opinativas: a empresa, o jornalista, o colaborador e o leitor.

O primeiro dos gêneros jornalísticos, complementares aos hegemônicos informativo e opinativo, a emergir no século XX foi o gênero interpretativo. Assis (2010) embasado em Marques de Melo (2006-b) explica que esse tipo de jornalismo nasceu nos EUA durante o período da segunda guerra mundial, quando a sociedade norte-americana considera-se lesada pela imprensa, em face da ausência de informações que permitissem a previsão do conflito bélico. Naquele momento, a “cultura antropocêntrica daquele país” fazia com que a sociedade esperasse receber “informações de natureza geopolítica, suprimindo as lacunas educacionais” a respeito dos cenários em que “se movimentavam os soldados ianques” (Marques de Melo, 2006b).

No Brasil, conforme Costa & Lucht (2010) é consenso que o marco inicial do jornalismo interpretativo deu-se com a criação do Departamento de Pesquisa e Documentação do Jornal do Brasil, na década de 1960. Leandro & Medina (1973), Beltrão (1976) e Erbolato (1991) são exemplos de consonância na literatura sobre o pioneirismo do Jornal do Brasil, no departamento, implantado pelo jornalista Alberto Dines com o intuito de embasar as explicações para o noticiário diário com dados permanentes. Erbolato (1991, p.27 *apud* COSTA & LUCHT) relaciona o surgimento desse departamento ao da TV e pontua que a televisão obrigou o resto da veiculação a apresentar-se para entrar em seu ritmo e satisfazer às novas necessidades que criou.



Com isso, segundo o autor haveria surgido a “era do jornalismo interpretativo, analítico, avaliador”.

Os primeiros a estudar o gênero interpretativo do jornalismo em terras brasileiras foram Paulo Roberto Leandro e Cremilda Medina (1973) que estabeleceram de imediato a diferença entre interpretar e opinar. Sobre isso Costa & Lucht (2010) explicam: “Na interpretação, como se viu acima, se busca o sentido das forças que atuam num fenômeno, ao passo que na avaliação se procura ‘atribuir valores a esses sentidos’” (LEANDRO;MEDINA,1973, p.15). Isso se mostra relevante porque, conforme os autores também destacam, em seu início nos estados Unidos, o jornalismo interpretativo foi confundido “com uma nova dimensão de tratamento opinativo” (LEANDRO; MEDINA, 1973, p. 19 *apud* COSTA & LUCHT, 2010, p. 110)

A delimitação fronteira entre a interpretação da informação e da opinião nem sempre foi vista com unanimidade. Assis (2010) exemplifica com atitude de Marques de Melo, que em sua primeira obra a respeito dos gêneros jornalísticos, teria afirmado que o jornalismo interpretativo tratava-se “de uma categoria carente de configuração estrutural, cuja expressão narrativa oscila entre o informativo e o opinativo (...) e que ainda não adquiriu fisionomia própria no lugar onde surgiu” (MARQUES DE MELO, 2003, p 64. *apud* ASSIS, 2010, p. 23). No entanto, essa visão do autor Marques de Melo mudou nos anos 90.).

“A questão do gênero interpretativo ainda não foi completamente encerrada”, afirma (ASSIS, 2010, p. 25), que se justifica ao fazer referência a argumentação de autores como Dias *et al* (1998), Erbolato (2006) e Marques de Melo, (2010) que embora seja praticamente de comum acordo que o gênero se caracterize pelo aprofundamento, pela explicação e pela análise da informação, os formatos atribuídos a ele nem sempre são os mesmos. Contudo, são quatro os gêneros jornalísticos interpretativos identificados por Marques de Melo: *dossiê, perfil, enquete e cronologia*.

Outro gênero emergente no jornalismo brasileiro é o denominado utilitário que “tem o propósito principal de orientar o receptor, proporcionando-lhe uma informação útil” (VAZ, 2010, p. 125). A autora explica que esses textos jornalísticos levam ao leitor a informação que ele necessita de imediato ou que pode precisar no futuro. “Essa informação o ajuda a tomar decisões que podem influenciar em suas ações cotidianas”, afirma (VAZ, 2010, p. 125).



Conforme Assis (2010) o jornalismo utilitário, ou de serviço, como também é conhecido é o mais recente entre os gêneros jornalísticos, surgido no final do século XX e legitimando-se em uma sociedade de consumo que precisa de informações que levem a tomadas de decisões rápidas, principalmente no mundo financeiro (MARQUES DE MELO, 2006b *apud* ASSIS, 2010, p. 27). Conforme Vaz (2010) o gênero utilitário ganha cada vez mais espaço na indústria midiática:

Percebe-se isso em seções próprias e que se repetem constantemente a cada edição, como a divulgação de indicadores meteorológicos. Também se manifesta em outras situações, como uma reportagem sobre economia, que contém elementos que despertam a consciência do receptor com dicas sobre o que ele deve ou não deve fazer para não perder dinheiro. Ou ainda em uma matéria de saúde que relata sobre alguma doença, e ao final, insere informações de como pode se prevenir da doença, indicando ao público onde e como tomar vacinas, informando ainda os endereços e telefones (VAZ, 2010, p. 125).

Conforme Costa (2010) na obra de Marques de Melo (2003), o gênero utilitário não aparece, vindo a surgir em trabalho coordenado por ele e assinado por Dias *et al* (1998, p. 15), com os formatos *chamadas* (textos que auxiliam o leitor a manusear o periódico), indicador (informações úteis sobre órgãos governamentais, empresas, instituições, países ou sobre determinado assunto especializado, como mercado econômico), *roteiro* (dicas sobre shows, espetáculos, a relação de musicais selecionados, trecho de programação de uma emissora ou um texto com indicações sobre o programa de rádio, televisão ou cinema), e o *obituário* que são informações sobre óbitos registrados pelos cartórios especializados, publicados geralmente em coluna específica). Mas, na recente classificação de Marques de Melo configuram os seguintes formatos de gênero jornalístico utilitário: *indicador, cotação, roteiro e serviço*.

“Informação que diverte”, assim, Dias *et al*, (1998, p. 14 *apud* ASSIS, 2010, p. 142) define o gênero jornalístico diversional, identificado por Marques de Melo como gênero complementar de caráter “emocional”. Assis (2010 p. 142) explica que a existência e importância desse gênero dentro do jornalismo são questionadas por vários referenciais da literatura da área, “considerando os elementos que o configuram (o gênero) apenas como recursos narrativos que podem ser identificados nos gêneros informativos e opinativos. No entanto o autor afirma:

É importante reforçar que tanto a bibliografia nacional quanto a bibliografia internacional a respeito do assunto estão de comum



acordo: o gênero colocado aqui em destaque oferece entretenimento junto com a informação. A diversão, portanto pode ser considerada um caractere do jornalismo, fazendo com que a este não fiquem reservados somente os conteúdos considerados “sérios” ou os textos redigidos em tom formal e desprovidos de qualquer tipo de atrativos (ASSIS, 2010, p.159).

O autor explica ainda que o gênero diversional corresponde a conteúdos destinados à distração do leitor, mas que, ao mesmo tempo não perdem a verossimilhança das informações e de seu conteúdo. “Trata-se de um tipo de texto voltado à apreciação do público que tem a possibilidade de ocupar seu tempo livre com a leitura de tais relatos (geralmente extensos)” (ASSIS, 2010, p. 27).

Outras denominações são dadas ao gênero jornalístico diversional, como “jornalismo literário” e “*new journalism*”. Conforme Erbolato (2006, p.44 *apud* ASSIS, 2010, p. 145) as bases fundadoras do jornalismo diversional se encontram no movimento norte-americano iniciado na segunda metade do século 20, denominado *New Journalism*. Marques de Melo, conforme Assis, não concorda com o termo jornalismo literário, por entender que o mesmo é “um jornalismo sobre literatura” (ASSIS, 2010, p. 27).

Gêneros jornalísticos nos jornais impressos regionais

A partir da classificação proposta por José Marques de Melo, Costa (2010) realizou análise de conteúdo para a identificação dos gêneros jornalísticos e seus respectivos formatos nos jornais impressos de maior circulação em cada macrorregião geográfica do Brasil. Por meio da análise de 35 edições, publicadas entre novembro e dezembro de 2006, totalizando 5.660 unidade de informação, o pesquisador conseguiu chegar a algumas ponderações sobre o jornalismo regional praticado no país. Foram pesquisados os jornais: Folha de São Paulo (Região Sudeste), Zero Hora (Região Sul), Correio Brasiliense (Região Centro-Oeste), A Tarde (Região Nordeste) e O Liberal (Região Norte).

Quanto aos gêneros aqui propostos para identificação, o jornalismo informativo é predominante nos cinco jornais, com 56.4% das 5.660 unidades publicadas. Em seguida o jornalismo opinativo, com 14.4% e, em terceiro, em ocupação, o jornalismo utilitário, com 12% de presença. O jornalismo interpretativo foi um dos gêneros pouco praticados e obteve apenas 1,1%, ao passo que o jornalismo diversional obteve dado insignificante no conjunto dos gêneros: 0,1%. Quanto aos gêneros identificados em “outros”, o percentual foi de 16% (COSTA, 2010, p. 242).



Os números, segundo o autor (COSTA, 2010, p. 242-243), mostram que os maiores jornais de cada macrorregião brasileira “cumprem seu papel de relatar a atualidade”, pois a maioria das formas discursivas publicadas pelos jornais priorizam “o relato narrativo-descritivo dos fatos”, o jornalismo informativo.

Gêneros jornalísticos no jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande

Ribeiro (2012) identificou o perfil textual do jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande formado por quatro jornais-laboratórios: Projétil, Unifolha, Folha Guaicuru e Em Foco. Os resultados obtidos após a análise de conteúdo de 199 unidades de informação publicadas de março a julho de 2010, com base na taxonomia de José Marques de Melo mostraram que os estudantes de jornalismo pesquisados exercitaram todos os gêneros: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário, no entanto, mais da metade do texto produzido tinha o propósito de informar por meio do formato reportagem. A quantificação possibilitou concluir que existe uma disparidade entre os textos mais praticados pelos estudantes de jornalismo nos jornais laboratórios impressos em relação aos exercitados pelos profissionais no mercado de trabalho, levando-se em conta a pesquisa de Costa (2010).

O jornalismo de informação ocupa mais da metade do texto produzido pelos estudantes de jornalismo em Campo Grande. O gênero informativo figurou em 54,8% das 199 Unidades de Informação pesquisadas. Em segundo lugar ficou o gênero interpretativo (13,1%), seguido do opinativo (9,0%) e do diversional (8,0%). O gênero utilitário praticado apenas pelos estudantes da Faculdade Estácio de Sá em Campo Grande predominou em 3,5% das unidades mensuradas. Quanto aos gêneros identificados como “Outros” isto é, que não se enquadraram aos formatos definidos na taxonomia de Marques de Melo, a porcentagem foi de 11,6%. No entanto, elas são modalidades de texto bastante conhecidas na prática do jornalismo impresso e também já identificadas e descritas por autores da literatura sobre gêneros: chamadas, erratas e o expediente.

Dos 22 formatos que fazem parte da classificação de Marques de Melo, 16 foram praticados pelos estudantes de jornalismo de Campo Grande. O gênero interpretativo, no formato enquete foi o segundo mais utilizado, com 15,1% das unidades pesquisadas. No terceiro lugar desse ranking ficou a história colorida (7,5%). Mais próximos na



quantidade de publicação figuraram o editorial (4,0%), artigo (3,5%) e a entrevista (3,0%). Também foram exercitados o formato dossiê (2,5%), roteiro, (2,5%), perfil (2,0%), notícia (1,0%), roteiro (1,0%) crônica (0,5%), resenha (0,5%), história de interesse humano (0,5%), comentário (0,5%) e nota (0,5%).

Gêneros jornalísticos no jornal impresso Correio do Estado

Os jornalistas que trabalham no jornal impresso Correio do Estado, veículo diário, fundado há 61 anos em Campo Grande, exercitam o jornalismo informativo na maioria dos textos que publicam, conforme os resultados da pesquisa, apresentados aqui. Das 738 Unidades de Informação catalogadas, 56,6% foram identificadas como pertencentes ao gênero jornalístico informativo da taxonomia de José Marques de Melo. O segundo gênero mais praticado foi o Utilitário, com 15,7% das publicações estudadas, seguido pelo gênero opinativo, com 8,8% e o Interpretativo, encontrado em 2,7% das UI's mensuradas. No período analisado não foi publicado texto que pudesse ser catalogado como pertencente ao gênero diversional. Gêneros que foram detectados durante o estudo e que não se enquadravam na classificação de Melo, foram nomeados na pesquisa como "Outros" e significaram 16,12% dos textos mensurados. Veja na tabela a seguir:

GÊNERO	UI	%
Informativo	418	56,6
Outros	119	16,1
Utilitário	116	15,7
Opinativo	65	8,8
Interpretativo	20	2,7
Diversional	0	0
TOTAL	738	100

Dos 22 formatos praticados no jornalismo brasileiro conforme a classificação de Melo, apenas 16 foram encontrados nas unidades de informação pesquisadas.

Todos os quatro formatos do jornalismo informativo foram encontrados nas amostras estudadas. O jornalismo praticado pelo Correio do Estado utiliza em sua maioria o formato de nota para informar seus leitores, das 418 unidades informativas, 36,1% eram de notas. O segundo formato mais utilizado é a notícia com 32% das UI's, seguida pela reportagem 31,3% e a entrevista em apenas 0,47% das unidades de



informação. Os números mostram que a informação aprofundada e ampliada da reportagem perde para o factual nas histórias contadas.

GÊNERO INFORMATIVO	UI	%
Nota	151	36,1
Notícia	134	32,0
Reportagem	131	31,3
Entrevista	2	0,47
TOTAL	418	100

O jornalismo Utilitário, com um texto que auxilia os leitores a tomarem decisões, figurou em 116 Unidades de Informação catalogadas. Destas, a maioria foi do formato Serviço (75%), seguida pelos Indicador (18%) e Roteiro (11%).

GÊNERO UTILITÁRIO	UI	%
Serviço	87	75
Indicador	18	15,5
Roteiro	11	9,4
TOTAL	116	100

O terceiro colocado no ranking do jornalismo praticado pelo jornal Correio do Estado foi o gênero opinativo, das 65 Unidades de Informação opinativas, o formato mais exercitado foi a Coluna (46,1%). Em segundo lugar ficaram os artigos (20%), trabalhados na página dois das edições e praticados em sua maioria por colaboradores do jornal. A Charge (7%) e o editorial (7%) são formatos fixos na página de opinião do Correio do Estado. Já a resenha (4%) e a crônica não são diárias.

GÊNERO OPINATIVO	UI	%
Coluna	30	46,1
Artigo	13	20
Charge	7	10,7
Editorial	7	10,7
Resenha	4	6,1
Crônica	4	6,1
TOTAL	65	100



O gênero interpretativo teve presença mínima no jornalismo praticado pelos jornalistas do Correio do Estado, com apenas 20 Unidades de Informação catalogadas no período de estudo. Três formatos interpretativos foram identificados, sendo 80% deles, o dossiê, 15% com características de perfil e 5% no formato enquete.

GÊNERO INTERPRETATIVO	UI	%
Dossiê	16	80
Perfil	3	15
Enquete	1	5
TOTAL	20	100

O gênero diversional não foi encontrado durante o período de análise de conteúdo do jornal Correio do Estado. Outros formatos de gêneros que não se enquadraram na taxonomia de Melo também foram encontrados. Muitos são comumente praticados e identificados no jornalismo brasileiro, como as chamadas, por exemplo, que significaram 75,5 % do gênero Outros. Veja as tabelas com os formatos da classificação de Marques de Melo encontradas nas Unidades de Informação pesquisadas.

FORMATO	UI	%
Nota	151	24.39
Notícia	134	21.64
Reportagem	131	21.16
Serviço	87	14.05
Coluna	30	4.84
Indicador	18	2.90
Dossiê	16	2.58
Artigo	13	2.10
Roteiro	11	1.77
Editorial	7	1.13
Charge	7	1.13
Resenha	4	0.64
Crônica	4	0.64
Perfil	3	0.48
Entrevista	2	0.32
Enquete	1	0.16
TOTAL	619	99.93



FORMATO (Outros)	UI	%
Chamada	90	75.63
Fotolegenda	9	7.56
Expediente	7	5.88
Quadrinhos	7	5.88
Citação	5	4.20
Poesia	1	0.84
TOTAL	119	99.99

Considerações finais

A pesquisa realizada pelo GpJor UCDB permitiu aproximar ainda mais os dados sobre as práticas na academia e mercado de trabalho jornalístico na região de Campo Grande, ao analisar o conteúdo publicado pelo impresso Correio do Estado que emprega jornalistas há seis décadas em Mato Grosso do Sul.

Um ponto importante é a comparação entre o exercício de gêneros dos jornalistas sul-mato-grossenses ainda em formação, no jornalismo laboratorial impresso, com o do jornalismo impresso comercial praticado pelos já profissionais do Correio do Estado. Assim como na pesquisa realizada por Costa (2010) nos jornais regionais das cinco regiões brasileiras, estudantes e jornalistas profissionais exercitam em maior grau o gênero hegemônico no jornalismo, o informativo. No entanto, quando a comparação entre mercado de trabalho e academia se dá em relação aos propósitos trabalhados após a finalidade de informar, nota-se um conflito. Enquanto aprendem a fazer jornalismo, os estudantes exercitam um perfil textual muito mais interpretativo e ligado ao diversional que os profissionais em exercício. No Correio do Estado, por exemplo, os formatos de gênero ligados ao jornalismo literário ficaram em 0% durante o período pesquisado, enquanto que no jornalismo laboratorial conforme pesquisa de Ribeiro (2012) ficaram em 8%.

Os futuros jornalistas também se aplicam mais à prática de formatos diversos a que profissionais se utilizam no mercado de trabalho. Diferente do Correio do Estado que têm a nota (36%) e a notícia (31%) como os principais formatos do texto publicado, os estudantes voltam sua prática para a reportagem, que significou metade de todas as unidades de informação publicadas. Ainda estudantes contam histórias no jornalismo



impresso, com o maior aprofundamento da reportagem e ao ingressarem no mercado de trabalho exercitam a factualidade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, F. . Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos. **Alceu** (PUCRJ), v. 11, p. 16-33, 2010.

ASSIS, F. Gênero Diversional. In: ASSIS, F. (Org.) ; MARQUES DE MELO, J. (Org.) . **Gêneros jornalísticos no Brasil**. 1. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. P 141-162.

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

BELTRÃO, Luiz. **Teoria e prática do jornalismo**. Adamantina: FAI, São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2006.

_____. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

_____. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In. GAYDECZKA, Beatriz; KARWOSKI, Acir Mário; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 57-71.

COSTA, Lailton Alves. Gêneros Jornalísticos. In: ASSIS, F. (Org.) ; MARQUES DE MELO, J. (Org.) . **Gêneros jornalísticos no Brasil**. 1. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p.43-83.

_____. **Jornalismo brasileiro: a teoria e a prática dos gêneros jornalísticos nos cinco maiores jornais do Brasil**. Disponível em:
<http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/1/10/GT4-_17-_Jornalismo_brasileiro-_Lailton.pdf>. Acesso 10 de set. de 2009.

COSTA, L. A. ; LUCHT, Janine Marques Passini. Gênero Interpretativo. In: Francisco de Assis; José Marques de Melo. (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. 1 ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 2010, v. 1, p. 43-83.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LEANDRO, Paulo Roberto e MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente** (o jornalismo interpretativo). São Paulo: Media, 1973.

MARQUES DE MELO, José. Gêneros Jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: ASSIS, F. (Org.) ; MARQUES DE MELO, J. (Org.) . **Gêneros jornalísticos no Brasil**. 1. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.p. 23-41.

_____.**Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. Ed. Ver. e ampl.- Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. p.238.

_____. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.



_____. Prefácio. In: **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. Dirceu Fernandes Lopes. São Paulo, Summus, 1989.

_____. **Gêneros de comunicação de massa**: análise dos gêneros e formatos jornalísticos. 2006b. (Original do autor).

MORIN, Violette. **Tratamiento periodístico de la información**. Barcelona: A.T.E., 1974.

RIBEIRO, Cristina R.S. **O perfil do jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande: entre a academia e o mercado**. 2012. f. 368. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Sala 01 do Mestrado em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS. 14 de Mar. 2012.

RODRIGUES DE SOUZA, Maria Isabel Amphilo ; REGO, Ana Regina Leal . Gênero Opinativo. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. (Org.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2010, v. , p. 95-108

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**: proposta de novos critérios de classificação. Série : Estudos em comunicação. Covilhão: Livros LabCom, 2009 . Disponível em:<http://www.livroslabcom.ubi.pt/sinopse/seixas-classificacao-2009.html>. Acesso em: 10 Jun. 2010. ISBN: 978-989-654-028-9. 450 p.

VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. Gênero Utilitário. In: Francisco de Assis; José Marques de Melo. (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. 1 ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 2010, v. 1, p.125-140.